



## **A FORMAÇÃO DE PROFESSORES QUE ATUAM COM ALUNOS SURDOS NO ENSINO REGULAR DO MUNICÍPIO DE MARABÁ-PA: SUGESTÕES E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA INCLUSÃO<sup>1</sup>**

Helena do Nascimento Meneses<sup>2</sup>

**Eixo:** Formação de recursos humanos em Educação Especial  
Relato de experiência

### **RESUMO:**

A presente pesquisa teve como objeto de estudo verificar como acontece a formação de professores no ensino regular no município de Marabá-PA, voltada para a Educação Especial de alunos com surdez, propondo algumas oficinas pedagógicas voltadas para esse público. Foram observados os temas abordados nas formações e entrevistados 52 professores que participaram das respectivas formações, identificando-se assim, os principais obstáculos para se lidar com a comunicação e interação de alunos com surdez no ensino regular e apontar novas práticas pedagógicas que possam colaborar para a formação de professores que lidam com esses alunos. Em todas essas atividades com LIBRAS, elaboradas seguimos as orientações de Audrei Gesser (2012), Márcia Honora (2014), Ronice Quadros (2008) e sobre a formação dos professores, Veiga (2012). Os resultados demonstraram, entre outros fatores, que perante o pouco conhecimento da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), ausência de intérpretes em sala, materiais pedagógicos e outros recursos específicos, as propostas se mostraram válidas.

**Palavras-chaves:** Formação de professores. Ensino Regular. Alunos surdos

### **INTRODUÇÃO**

A ideia de fazer um estudo sobre a formação de professores que tem alunos surdos na sala regular surgiu pelo convívio e compartilhamento de relatos com colegas docentes e observações nas visitas que faço nas salas com alunos com tais necessidades especiais no município de Marabá-PA. E não são poucos, tanto alunos como professores que lidam e devem se preparar mais para esse desafio. Nas

---

<sup>1</sup> Este trabalho apresenta as ideias centrais da minha dissertação de mestrado defendida na Universidade Almeida Garret – Portugal.

<sup>2</sup> Professora da rede municipal de Marabá – SEMED, atuando atualmente na sala de recursos.



informais com esses professores, fui informada que, nas formações que são oferecidas pela Secretaria de Educação (SEMED) do município, o foco geralmente é somente a disciplina que ministra, sendo que quando surge o tema surdez ou mesmo da educação especial, é tratado de forma muito superficial. Ao assistirmos uma dessas formações também presenciamos uma professora fazer a seguinte pergunta: “Por que nas formações de professores não há formação voltadas para o professor trabalhar com crianças especiais surdas? Tenho muitas dificuldades para me comunicar com meu aluno surdo e nossa formação é somente voltada para disciplina com a qual trabalhamos.”

A história particular desse “anseio” educacional referente ao trabalho com a inclusão de alunos com surdez no ensino regular pode estar se repetindo em várias outras escolas, não apenas no município de Marabá-PA, mas em várias outras partes do Brasil, urgindo a necessidade de estudos sobre a formação de professores que atuam no ensino regular e que, subitamente, se deparam com alunos especiais com surdez e não sabem o que fazer.

Desta forma iniciei minha pesquisa fazendo observações durante as formações de Prática Pedagógica de educação especial com professores do ensino regular sobre o trabalho que esses profissionais vem desenvolvendo nas escolas e, especialmente nas salas com crianças surdas inclusas, no sentido de ampliar a visão de conhecimentos necessários ou pertinentes à surdez que devem ser abordados nessas formações. Pude delinear, de antemão, o quadro de que as crianças surdas são incluídas nas salas somente porque a Lei estabelece esse direito a elas, mas a inclusão de fato é uma ficção. Ao mesmo tempo em que são incluídas essas crianças também são excluídas, ou seja, por não interagir muitas vezes com os professores e colegas é uma “exclusão disfarçada de inclusão”.

Com esse norte, a pesquisa buscou investigar como são dirigidas essas formações, que conteúdos específicos são trabalhados para preparar um professor para “incluir” ou socializar um aluno com surdez, contribuindo significativamente para seu aprendizado e não apenas aplicando conteúdos. Surgiram então os questionamentos: Como o professor ensina seus alunos surdos se este professor não sabe Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)? Como planeja as aulas para incluir esse



aluno? O ensino é igual para todos – surdos e ouvintes - ou diferenciado? O que está sendo feito referente às mudanças e adaptações nos cursos de formação continuada? Como formar esses docentes? Qual seria a formação adequada ou os conhecimentos mais pertinentes a serem trabalhados nestas formações, segundo a visão dos próprios professores?

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação, em seu Artigo 59, é ressaltado a necessidade de currículos, métodos, técnicas e recursos educativos diferenciados, bem como de professores com especialização, capacitados para o trabalho, visando à integração da vida em sociedade dos portadores de surdez.

A pessoa surda é definida por Brito (1993, p. 28, 86) define o surdo como uma pessoa pertencente de uma comunidade com uma língua diferente da que os ouvintes falam, não obstante, esta língua possui regras gramaticais, princípios pragmáticos e regras de polidez próprias.

Sobre a formação dos professores, Veiga (2012, p. 27) afirma que esta é uma ação contínua e progressiva, ou seja, que tem início e nunca tem fim, envolvendo várias instâncias, revertendo sempre em uma valorização significativa para a prática pedagógica ou experiência docente. Em nenhum momento essa valorização da formação docente valoriza uma divisão da relação teoria e prática. Ao se referir a profissionalização docente e sua formação a autora também diz que:

Outra característica da docência está ligada à inovação, quando rompe com a forma conservadora de ensinar aprender, pesquisar e avaliar; reconfigura saberes, procurando superar as dicotomias entre conhecimento científico e senso comum, ciência e cultura, educação e trabalho, teoria e prática, etc.; explora novas alternativas teórico-metodológicas em busca de outras possibilidades de escolhas; procura a renovação da sensibilidade ao alicerçar-se a dimensão estética, no novo, no criativo, na inventividade; é exercida com ética, adquirindo, assim, significado. (VEIGA, 2012, p. 25).

Ainda segundo a autora a teoria é prática e a ação não é um mero receptáculo da teoria, ou simplesmente um conjunto de regras. Ela deve ser trabalhada com base em uma realidade concreta e a prática devendo ser sempre o ponto de partida e o ponto de chegada de qualquer formação. Estaria isso ocorrendo nas formações dos professores no município de Marabá?



## **OBJETIVOS**

O objetivo geral desta pesquisa foi identificar como ocorrem as formações continuadas de professores do ensino regular, com alunos especiais com surdez, em Marabá-PA, analisando de que forma as mesmas contemplam essa necessidade e, a partir desse diagnóstico, descrever o que poderia ser apresentado como metodologias ou oficinas pedagógicas que possam aprimorar a formação dos profissionais neste município.

Para alcançarmos esse objetivo geral utilizamos como específicos:

- a) Descrever como ocorrem as formações continuadas de professores em educação especial em Marabá-PA e de que forma as mesmas contemplam essa necessidade especial de surdez;
- b) Analisar os principais obstáculos para se lidar com a comunicação e interação de alunos com surdez;
- c) Propor, através das falas dos professores do ensino regular que lidam com alunos com surdez e participam das formações, oficinas pedagógicas.

## **METODOLOGIA**

Esta pesquisa teve uma abordagem predominantemente quantitativa, a partir dos dados que foram fornecidos pelos professores que participaram das formações nas escolas públicas de Marabá-PA. A pesquisa foi realizada por meio de entrevistas com formadores e gestores com questionários abertos e fechados aplicados aos professores da rede pública municipal que participaram das formações. O *lócus* foram escolas públicas municipais onde tinham alunos surdos matriculados: ensino fundamental I, II e EJA (Educação de Jovens e Adulto) no ensino regular.

A pesquisa ocorreu nas 11 (onze) escolas públicas municipais que se denominou nome pelas letras “A, B, C, D, E, F, G, H, I, J e K”, pertencentes aos núcleos (bairros) deste município sendo eles: Cidade Nova, Nova Marabá, São Felix e Morada Nova. De um total de 58 professores, 52 participaram os outros 6 não foram encontrados ou não quiseram participar.



## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Na primeira pergunta do questionário aberto que foi “Que ações foram e estão sendo realizadas nesta escola para que a inclusão destes alunos aconteça?”, na escola A, a qual foram entrevistados 13 professores e obtivemos as seguintes respostas mais relevantes:

*“A sala de recursos. Nesta sala os professores da escola tem horário para fazer reforço”.*

*“Formação em LIBRAS para professores e demais familiares para que facilite a comunicação com alunos com surdez”.*

*“Além da sala de aula regular existe uma sala de recursos. Existe a presença do professor da sala regular uma vez por semana nesta sala de recursos”.*

*“Sala de recursos, mas não vejo desenvolvimento e aprendizagem. Ela é pouco usada”.*

*“Existem formações para capacitar e informar mais os profissionais sobre esses temas, porém elas são oferecidas no mesmo turno em que trabalhamos, dificultando assim a nossa participação”.*

Já na escola “B” sete professores responderam e nenhuma ação importante foi registrada por eles com exceção de placas com sinal de libras nas portas para identificação. Na escola “C” os seis professores que faziam parte do corpo docente apontaram que existia apenas a sala de recursos com professores qualificados para o acompanhamento desses alunos afim de proporcionar uma inclusão mais adequada e também a escola fornecia materiais e ajuda para trabalhar esses alunos. Na escola “G” apenas um professor respondeu que fazia-se o possível para os alunos especiais serem atendidos, mas não o necessário. O mesmo falou que o aluno com surdez não compreende bem as explicações já que não tem habilidades para falar em sua primeira língua (libras). Na escola “H” dois professores declararam que as profissionais da sala de recursos fazem acompanhamento e auxilia no



desenvolvimento e elaboração das atividades e ainda fazem um trabalho com os alunos da turma escola conta com a colaboração de uma professora capacitada que auxilia fornecendo informações para desenvolvimento do trabalho. Na escola “J” um professor registrou que possuíam uma sala de recursos. Nas demais escolas não havia nenhuma espécie de preparo para receber um aluno surdo ou qualquer outro especial.

Deixamos também um espaço ao final do questionário para que os professores fizessem considerações sobre o ensino voltado para surdez e a educação especial em si. Destacamos abaixo as respostas que mais se destacaram em todas as escolas:

*“Trabalho com a disciplina de matemática e com os alunos surdos, acredito que para ministrar uma aula legal teria que ter uma preparação melhor, ou seja, o curso básico de libras para todos que dão aula para este aluno. No momento está acontecendo um curso de libras à noite, mas esse horário é impossível”.*

*“As formações deveriam ser incluídas as metodologias para atender o aluno surdo”.*

*“A inclusão dos alunos surdos na sala de aula regular, só não é mais rentável e proveitosa para os alunos devido a falta de recursos e estruturação por parte dos gestores municipais e estaduais”.*

*“Seria importante que as formações oferecidas pela SEMED tivessem tópicos voltados para o aluno com deficiência auditiva, para facilitar assim a comunicação entre professor e aluno, o que ajudaria até na aprendizagem do aluno”.*

*“Infelizmente em nossa região, ou melhor em nosso município, as políticas públicas voltadas para atender esses alunos, são muito limitadas, ou quase não existem, não há um preparo para os professores, nas faculdades, que possam vir a trabalhar com esses alunos”.*

*“Entendo que a participação de alunos no ensino regular é importante para o desenvolvimento pessoal e profissional do aluno com essa dificuldade. Entretanto, o poder público não oferece melhores tipo de formação ou ação para que essa realidade mude”.*

*“As formações deveriam ser diversificadas com tópicos voltados para atender as necessidades dos professores que tem alunos surdos pois nossa maior dificuldade é a interação na comunicação. Não sei quando o aluno surdo está ou não me entendendo”.*

*“O currículo da escola deve ser adequado a essas novas possibilidades da inclusão e isso deve ser acompanhado do corpo técnico adequado para*



*incluirmos de forma satisfatória a esses alunos. E também formação continuada nessa temática”.*

*“Creio que todos dentro da escola deveriam ter algum tipo de preparação para trabalhar com o aluno surdo. Sempre questionei o fato das formações serem somente para os professores que estão com alunos especiais. O professor do ano seguinte também deveriam ser preparado, ter alguma formação para não ficar falando com o aluno surdo de forma “pobre” e até mesmo “boba” para eles”.*

Vemos nas narrativas desses professores que há uma fragilidade tanto quanto a trabalhar as disciplinas propriamente ditas com alunos surdos inseridos no ensino regular, como de como exercer com segurança e autonomia práticas pedagógicas que habilite o surdo a avançar de série sem prejuízo nos seus conhecimentos. Nas falas também se percebe uma necessidade de formação apropriada e voltada para trabalhar com os alunos surdos. Nesse sentido lembrei-me de uma experiência que tive há mais o menos doze anos atrás, quando foi inserida uma aluna surda na sala de aula. A princípio ficou um tanto apreensiva e veio os seguintes questionamentos: como vou saber se ela está me entendendo? Como vou ensinar se não sei me comunicar com surdos? Pensei e passei observá-la, suas atitudes e como eu poderia ajudá-la. Sai da escola e fui a universidade federal que ficava próxima e pedi ajuda ao departamento de pedagogia que imediatamente me orientou ir ao departamento de educação especial que funcionava no mesmo prédio, chegando lá fui informada que estava iniciando um curso de LIBRAS com duração de 80 (oitenta) horas. Esse curso foi o início que precisava para desenvolver um bom trabalho com a aluna surda. Comecei a pôr em prática tudo que aprendi timidamente. Pedi ajuda para a mãe da aluna que não mediu esforço em ajudar. Não satisfeita com os resultados conversei com a gestão e coordenação da escola para usar um horário da aula para ensinar LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais para toda turma isso ia melhorar a comunicação e socialização da aluna surda com os colegas. A proposta foi aceita e ficamos com dois últimos horários de sexta-feira para aula de LIBRAS. Nosso objetivo era melhorar a comunicação entre alunos ouvintes e aluna surda, mas o resultado foi além das expectativas, o que seria para ser o básico com coisas do dia a dia, a pedido dos mesmos passamos acrescentar algo a mais, a oração no início da aula e no final do



último semestre encerramos com uma apresentação onde a turma apresentou uma música. No decorrer do ano percebeu-se uma assiduidade significativa por parte da turma principalmente nas sextas feiras. Durante uma reunião de pais e mestres fiquei contente com depoimento de pais onde socializou com os demais presentes que a aula estava fazendo muito bem para o filho que tinha parentes, vizinho e colegas surdos. Aprendiam na sala e praticavam em casa e em outros locais com pessoas surdas que conheciam. Percebeu-se que havia grande interesse entre eles de praticar a Língua de Sinais (LIBRAS), para melhor interagir com a colega surda.

Essa proposta surtiu um grande efeito positivo, onde numa reunião de pais e mestre, os pais fizeram relatos e dois pais disseram que a escola e professora estava de parabéns pela atitude da aula de LIBRAS, pois um tinha um filho bebe que já era diagnosticado surdo e o outro pai tinha um sobrinho também surdo e os filhos estava ensinando a Linguagem de Sinais (LIBRAS), ou seja, trocando experiências com elas.

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

Durante o período de pesquisa oferecemos algumas oficinas pedagógicas com construção jogos e materiais adaptados para melhorar o aprendizado dos alunos surdos e de certa forma facilitar o trabalho dos professores que lidam com esses alunos no ensino regular. Acreditamos na probabilidade de envolvimento de práticas docentes que seja crítica-reflexiva, mesmo sabendo que tais práticas ainda se deparam com as barreiras das limitações, dos preconceitos e dos obstáculos.

Assim, nas atividades oferecidas nas oficinas podemos citar alguns jogos construídos junto com os professores que atuam com os alunos surdos. As oficinas tiveram um relevante empenho por parte dos professores com a construção jogos e materiais adaptados para melhorar o aprendizado dos alunos surdos e de certa forma facilitar o trabalho dos professores que lidam com esses alunos no ensino regular. As seguintes oficinas foram realizadas com o empenho:

- **Caracol de caça palavras:** Nesse jogo pudemos trabalhar a escrita das palavras escondidas, transformando para a segunda língua o português.



- **Sequência Numérica:** Desenvolver contagem com fichinhas contendo os numerais em libras para completar a sequência numérica que vai do número um ao número cinquenta.
- **Tabuada Divertida:** Nessa tabuada não há regras definidas, pode ser jogada de duplas, trios grupos ou sozinho o importante que ao fazer a pergunta ex.  $2+2=?$  A tampinha correspondente tenha o número correto da resposta.
- **Sequência alfabética:** Nessa atividade espera-se conhecer e apropriar-se do alfabeto utilizando a libras e a língua portuguesa.
- **Caça palavras:** espera-se aplicar ludicamente os conhecimentos e as hipóteses sobre o sistema de escrita alfabética em jogos de palavras.

Em todas essas atividades com LIBRAS, elaboradas e voltadas para formação de professores, seguimos as orientações de Audrei Gesser (2012, p. 144), para o qual “Os alunos não devem se sentir sobrecarregados com nomenclaturas gramaticais e linguísticas. Então, ao ensinar a LIBRAS para ouvintes, pense em quais instâncias da aula valeria a pena falar de regras explicitamente”. E também de Quadros no qual: “A voz dos surdos são as mãos e os corpos que pensam, sonham e expressam. (...) Permita-se “ouvir” essas mãos, pois somente assim será possível mostrar aos surdos como eles podem “ouvir” o silêncio dessa escrita. (QUADROS, 1997, p. 119).

Também seguimos as orientações de Márcia Honora (p.196), que em todas as suas atividades foram seguidos os mesmos passos:

Apresentação de um conteúdo de forma contextualizada, associação da Língua Portuguesa com os sinais da Língua Brasileira de Sinais e exercícios que respeitem a língua materna do aluno com surdez. As atividades devem ser repetidas de formas diferentes quantas vezes o professor julgar necessário, até que perceba que o aluno com Surdez assimilou o conteúdo proposto.

Na elaboração desses jogos pedagógicos educativos para alunos surdos do ensino regular de sala comum utilizamos papel 40 kilos; alfabeto manual em libras; giz de cera; canetinhas coloridas; giz de cera e alguns materiais recicláveis como papelão de caixa para forrar; tampinhas de pets e encaixe de caixa de leite ou suco,



etc. Em todos objetivamos estimular a aprendizagem, primeiramente da LIBRAS, e através dela a matemática e língua portuguesa através de recursos pedagógicos que despertam no aluno o interesse e o gosto pela disciplina, mostrando para eles que as disciplinas também podem ser aprendidas através dos jogos esquecendo-se um pouco das formas tradicionais. Esperou-se também que o uso adequado desses jogos faça mudança na postura do professor. Porém, jogos, requer postura dos professores na hora de ensinar os conteúdos metodológicos. Portanto, o professor sai do papel de comunicador de conhecimento, para o observador, organizador, controlador e motivador e incentivador da aprendizagem. A interferência do professor só irá acontecer se houver necessidades por meio da dúvida ou questionamentos dos alunos. Caso o aluno mude de hipóteses, apresentando situações que estimulem o raciocínio lógico ou socialização das descobertas dos grupos, mas de modo algum para dar respostas prontas ou corretas. Dessa forma não ajuda os alunos a generalizar os conceitos aprendidos.

Para manter os alunos interessados e envolvidos procuramos seguramente por novas maneiras de apresentar algumas atividades para que eles ligassem os sinais as figuras ou os nomes às figuras. Apresentei as atividades e pedi para que eles ligassem as figuras aos sinais, na execução destas atividades demonstraram desenvoltura e autonomia, não apresentaram dificuldades maiores, pois já conhecia o alfabeto manual e os sinais em libras.

Nas atividades de expressão artística construímos um ludo com sinais e nomes de cores. Para jogar o professor deve formar grupos de dois ou quatro alunos que irão escolher as cores que querem representar. O aluno joga primeiro o dado que vai indicar quantas casas ele vai andar, permanecer ou voltar, aquele que chegar primeiro na casa do centro será o vencedor. Essa experiência foi bastante produtiva porque observamos o interesse demonstrado na execução do processo de confecção e participação durante o jogo. Um dos alunos surdo virou-se para o colega e fez o sinal eu sou bom, eu sei jogar.

Não esquecendo que todas estas sugestões para trabalhar a língua portuguesa são necessárias que o aluno já esteja alfabetizado em sua primeira língua a libras. Caso o aluno ainda não seja alfabetizado em libras, precisa alfabetizar primeiro na



sua língua a libras. É para fixar melhor os conhecimentos devem agregar-se as figuras ou desenhos o sinal em libras para que o aluno saiba do que está se tratando.

Utilizando as atividades que foram realizadas com os participantes desta pesquisa, espera-se que o professor do ensino regular possa ter mais subsídios para poder ajudar seu aluno surdo no processo de ensino e aprendizagem dos conteúdos propostos no ensino fundamental e regular.

## **CONCLUSÕES**

Tendo por base os questionários abertos e fechados e as entrevistas aplicadas, resumimos, através da fala dos professores, que os principais obstáculos para a capacitação dos professores para as formações em Educação Especial em Marabá-PA são:

- A não liberação dos professores para participar das capacitações sendo que muitos trabalham nos horários em que os cursos são ofertados;
- Os professores alegam que não tem o conhecimento da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS);
- As capacitações não são muito práticas, isto é não articulam ou promovem a relação entre a teoria e a prática;
- Mesmo participando das capacitações, os professores ainda relatam dificuldades com a maneira de como vão ensinar, elaborar aulas, avaliar, adaptar conteúdos e materiais, ou seja, como fazer atividades conjuntas para alunos Especiais e os ditos normais.

Os resultados dessa pesquisa apontam a urgência de se investir na formação continuada dos professores desse município. É insuficiente a realização de cursos de pouca duração que muitas das vezes não possuem qualquer relação com o contexto de trabalho desses profissionais. A simples participação nestes cursos de formação continuada demonstrou que, pelos poucos conteúdos estudados e trabalhados durante os mesmos contribuem poucos para a complexidade das situações ao se lidar com alunos surdos.



## REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Brasília: MEC, 2010.

BRASIL. (2008). **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.** Brasília: MEC/SEESP, 2008.

BRITO, L. F. **Integração Social e Educação de Surdos.** Rio de Janeiro: Babel, 1993.

GESSER, Audrei. **O ouvinte e a Surdez: sobre ensinar e aprender a LIBRAS.** São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

HONORA, Márcia. **Inclusão Educacional de Alunos com Surdez: concepção e alfabetização, ensino de 1º ciclo.** São Paulo: Cortez, 2014.

QUADROS, Ronice Muller. **Educação de Surdos: aquisição da linguagem.** Porto Alegre: Sul. Artmed, 2008.

ROCHA, Andreia de Lima Campos. **Elaboração de material didático: uma necessidade na educação de surdos.** Monografia de especialização em Libras da Universidade Católica de Brasília. Brasília: 2012.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. (2012). **A aventura de formar professores.** Campinas: Papyrus, 2012.